



Phyllis Curott

SACERDOTISA WICCAN



O GUIA FÁCIL DE

WICCA



O livro essencial para melhor entender
esta antiga religião



FAROL

Índice

Lista de Práticas	7
Introdução	9
Como Trabalhar com Este Livro	19
CAPÍTULO 1: Os Sábios	21
CAPÍTULO 2: A Divindade	39
CAPÍTULO 3: A Magia	57
CAPÍTULO 4: O Espírito	75
CAPÍTULO 5: A Natureza	93
CAPÍTULO 6: Traçar o Círculo	121
CAPÍTULO 7: A Deusa	151
CAPÍTULO 8: O Deus	175
CAPÍTULO 9: A Roda do Ano	195
CAPÍTULO 10: Lançar Feitiços	229
CAPÍTULO 11: O Ofício do Sábio	253
CAPÍTULO 12: A Aventura que Te Espera	281
Recursos	303

Lista de Práticas

Purificação pela água salgada	46
Meditação guiada: presença divina	48
Prestar atenção à divindade	51
Meditação guiada: respirar	54
Cântico mágico	67
Visualização 1	70
Visualização 2	71
Visualização guiada: contar histórias	78
Viagem à procura do teu animal do poder	83
Meditação guiada: recupera os teus sentidos	98
Alicerçar	105
Fazer magia com a Natureza	111
Encontrar o teu lugar de poder e encontrar o espírito do lugar	114
Fazer um altar pessoal	131
Traçar o círculo passo a passo	134
A bênção da Deusa	154
O bater do coração da Mãe Terra	158
O cântico da Deusa	160
Visualização guiada: o encontro da Deusa	163

Cria um altar e oferendas para a tua Deusa	165
Invocares a tua Deusa	168
Atrair a Lua	172
Encantamento do Deus	178
Visualização guiada: encontrar o Deus interior	182
Atrair o Sol	185
Semear as sementes da mudança	188
Dançar com o Deus com Chifres	191
Trabalhar com a Roda	202
Ritos do Sabat passo a passo	206
Feitiços passo a passo	232
Lançar um simples feitiço para proteger	245
Lançar um simples feitiço para curar	247
Lançar um simples feitiço para dar coragem	248
Lançar um simples feitiço para a prosperidade	249
Lançar um simples feitiço para a paz	250
Lançar um simples feitiço para o amor	250
Não-nomear	261
Ouvir as plantas	264
Preparar uma poção	267
Carregar um objeto de poder	275
Adivinhação quotidiana	287
Criar um ritual pessoal	290
Ritual de autodedicação	298

Introdução

«Sinto-me como se chegasse a casa.»

Todos nos encontramos numa viagem, peregrinos em busca do nosso poder, do nosso objetivo e do nosso eu mais elevado. Procuramos a paz interior e a prosperidade externa, a coragem para enfrentar os nossos medos e cumprir o nosso destino, deixar para trás a solidão e encontrar o amor, mudar a forma como pensamos e como vivemos. Procuramos o Espírito e a orientação na nossa busca de plenitude. Estamos à procura de despertar a magia dentro de nós.

A vida é complicada, mas a tua espiritualidade não tem de ser complicada. A vida também é mágica e a tua espiritualidade deve ser mágica.

Quando descobri a wicca, há quase 40 anos, havia apenas umas poucas centenas de pessoas nas traseiras de uma velha arrecadação poeirenta, revivendo uma ancestral tradição sapiencial, oculta do mundo após centenas de anos de perseguição e estereótipos negativos. Hoje há mais de um milhão de wiccans assumidos nos

EUA e a wicca tornou-se a espiritualidade com a maior taxa de crescimento nas Ilhas Britânicas, na Europa e na Austrália, estando em expansão por todo o mundo.

O nascimento de uma nova religião é raro e o renascimento de uma das mais antigas é notável. É um despertar de sonhos de divindade que já não cabem neste mundo em que vivemos, nem nos anseios espirituais que temos. Muitos são atraídos para a wicca porque esta oferece a sabedoria espiritual e a plenitude que faltam há milénios, saudando o regresso da Deusa, a ascensão do Feminino e honrando as mulheres enquanto líderes espirituais.

Num momento crítico de devastação ambiental, a wicca reverencia a Mãe Terra como uma encarnação da divindade. E, numa cultura sofisticada, educada e global, marcada por um declínio da adesão religiosa tradicional, a wicca não é dogmática, nem hierarquizada. É uma prática espiritual profundamente pessoal, que qualquer pessoa poderá dominar para experimentar a divindade. Não é preciso ser-se wiccan para beneficiar da sua sabedoria e das suas práticas, como não é preciso ser-se hindu para beneficiar do yoga, nem ser-se budista para praticar a meditação.

Praticar a wicca ajudou-me a retirar a venda dos olhos, apertada pela história e pelo hábito, que nem sequer tinha consciência de usar. Vi domínios do Espírito que não sabia que existiam. Vi o mundo em que vivia como realmente é — *sagrado*. E comecei a perceber que também eu era sagrada. A wicca despertou a magia divina dentro de mim e abriu-me para a magia divina no mundo à minha volta.

Um pouco da minha história

Descobri a wicca numa altura em que não estava minimamente interessada em tudo o que fosse espiritual. E muito menos acreditava em magia! Tinha acabado de me licenciar em Filosofia numa faculdade da Ivy League nos EUA, obtido o meu diploma de advogada numa universidade de Direito de topo e tinha começado a exercer, lutando contra o crime organizado no interior de organizações sindicais. Não esperava que o mundo fosse um paraíso e muito menos que fosse mágico, mas esperava, isso sim, contribuir para que fosse um lugar melhor.

Foi assim que fui criada: numa família intelectual e humanista, com pais cujas vidas foram dedicadas à justiça social. Em vez de me ensinarem a acreditar numa religião em particular, ensinaram-me a acreditar na bondade do coração humano e a viver segundo a Regra de Ouro: trata os outros da forma como queres ser tratada. E isso bastava-me. Até ao meu segundo ano na faculdade de Direito...

Comecei a ter premonições que se manifestavam e intuições que mostravam ser verdadeiras. Sabia que o telefone ia tocar antes de ouvir o toque e quem estava a ligar. Sabia as respostas na sala de aula sem ter lido os casos. Tinha os sentidos aguçados e, durante algum tempo, possuí uma memória fotográfica, o que, como podem imaginar, foi *muito* útil para passar no Exame à Ordem. O mais excitante de tudo era uma sensação de... presença, como se o mundo estivesse na verdade vivo e consciente. Tinha também um sonho recorrente de uma mulher, sentada, com uma coroa na cabeça e um

livro sobre o colo e uma luz suave que lhe brilhava acima do coração.

Eu não possuía qualquer contexto para perceber aquilo que se passava. Praticara yoga desde a escola secundária, mas era nova demais para os psicadélicos anos 60 e vivia em Nova Iorque e não na Califórnia. Sempre racionalista, comecei a ler livros sobre física quântica e, depois, livros sobre as extraordinárias conexões entre a física quântica e a consciência. Fiquei a saber que havia mais realidade para além daquela que me tinham ensinado na escola. Mas nada do que lia me explicava *a razão* do que estava a acontecer.

Apesar disso, acreditava naquilo que estava a experimentar. Admitia a possibilidade de existir uma realidade para além dos limites daquilo que era suposto acreditar e alcançar. E assim fui levada, por sonhos e acontecimentos, sinais e sincronismos, e por uma amiga que se autodenominava a Feiticeira Branca, até ao mais improvável e inimaginável encontro do mundo: por detrás de uma porta oculta de uma poeirenta livraria chamada The Magickal Child, com um grupo de mulheres que praticavam wicca.

Um grupo de feiticeiras, que praticavam feitiçaria.

Fui convidada para me juntar a elas. Era a última coisa no mundo em que estava interessada. Afinal de contas, eram *Bruxas*. Por outras palavras, esquisitas. Muito esquisitas. Declinei educadamente. A vida prosseguia como antes, mas os sonhos, as intuições e a vivacidade evaporaram-se. Sentia-me dormente; estava a regressar à «normalidade». E então a mulher dos meus sonhos ressurgiu.

Vagueava pelo Metropolitan Museum of Art, tentando decidir o próximo passo na minha carreira, quando

ela surgiu exatamente como me aparecera em sonhos: sentada tão imóvel como a pedra em que estava esculpida. O mundo encheu-se de luz e precisei da ajuda de um dos seguranças do museu para me sentar. Quando recuperei, li a placa de latão brilhante que estava ao seu lado: *A Sibila Líbia*. De regresso a casa, procurei a palavra «sibila»: «Uma antiga profetisa ou feiticeira.» Aceitei o convite.

Era esquisito. Uma sala cheia de mulheres em pé, num círculo, a gesticularem nas quatro direções, dizendo coisas que eu não compreendia, passando entre elas um cálice de prata cheio de... sumo de uva e falando acerca da Deusa. Mas eram inteligentes e interessantes, de diferentes idades, raças e formações; algumas eram gay, outras heterossexuais. Todas as semanas me convidavam para voltar e eu ia. Gradualmente, aquilo que faziam e a razão pela qual o faziam tornaram-se claros.

Li acerca da Caça às Bruxas europeia, os Tempos das Fogueiras — uma perseguição de quase 500 anos, durante os quais mais de 100 mil mulheres, alguns homens e mesmo crianças, foram acusados, torturados e hediondamente massacrados por praticarem a «Antiga Religião». Comecei a perceber que as minhas ideias sobre Feitiçaria eram estereótipos negativos de contos de fadas, filmes e decorações do Halloween — tudo isso influenciado pela Caça às Bruxas —, o que nada tinha que ver com aquilo em que aquelas mulheres realmente acreditavam, nem com o que faziam. Aprendi que *wicca* é uma palavra inglesa muito antiga, que está na raiz da palavra *witch* e que ambas as palavras significavam «um sábio», alguém que vê o Sagrado.

Comecei a ver. Via o belo rosto da Deusa por detrás da máscara da horrenda bruxa e descobri que a feiticeira era a figura sobre a qual o patriarcado projetava o seu medo das mulheres, do seu poder e da sua sexualidade. A moderna feiticeira é, tal como a Deusa que venera, o derradeiro ícone feminino. Enquanto jovem advogada que lidava diariamente com o assédio sexual e a discriminação, isso fazia sentido para mim.

As revelações foram libertadoras e capacitantes. E, depois, mágicas. Finalmente, *vi* a Deusa. Surgiu quando traçávamos os nossos círculos, brilhando no interior de cada mulher. Vi a força e a coragem de Artemisa, a sensualidade de Lakshmi, a poesia curativa de Brígida, a sabedoria de Atena, o amor materno e a generosidade de Ceres, o poder guerreiro de Morrigan, o fogo de Pele e os obscuros mistérios de Hécate.

No espelho da Deusa, comecei a ver uma faísca dessa energia do Divino Feminino dentro de mim. Compreendi que os nossos corpos são sagrados, a nossa intuição é um dom e a nossa sabedoria inestimável. A divindade já não era um macho velho, branco e inalcançável do outro lado das nuvens, que nos julgava. A Deusa estava viva, presente e restaurava a plenitude da divindade. E todos os Sabats — os oito dias sagrados sazonais que honram a divina sabedoria da natureza —, quando os homens vinham celebrar connosco, descobri uma espécie diferente de presença de Deus no mundo, que dançava e amava em parceria com a Deusa.

Era radical. Era revolucionário. Era, acima de tudo o resto, *real*. Eu não *acreditava* na Deusa nem no Deus. Eu *experimentava-os*. A wicca não era um sistema de crenças

sobre a divindade. Era uma prática espiritual que proporcionava experiências *da* divindade. O chão sobre o qual me apoiava deslocou-se de novo. Tornou-se sagrado.

E não era complicado. A wicca não exigia que eu suspendesse a minha descrença racional, ou que dominasse longos e estranhos encantamentos mágicos, nem listas de ingredientes esquisitos. Era simples, alegre e natural. Era como se recordasse algo que já sabia. E o melhor de tudo era que resultava. A magia dentro de mim estava a despertar e, conforme isso acontecia, começava a experimentar a magia divina no mundo à minha volta.

A presença que sentira quando a minha aventura começara ressurgiu mesmo à minha frente. Apesar de viver no meio de uma das maiores cidades do mundo, conseguia ver que o mundo natural *incorporava* a divindade. O Ar era respiração, o Fogo espírito, a Água sangue e a Terra corpo. As práticas da wicca ajudavam-me a sintonizar-me — mente, corpo e espírito — e a harmonizar-me com a Natureza, com os elementos, com os ciclos sazonais e com a Lua, cujo ritmo e sabedoria espiritual pertenciam às mulheres. Vi que o amor era uma força da Natureza e que somos filhos da Mãe Terra, independentemente da nossa religião.

A minha intuição floresceu e transformou-se numa consciência mais elevada, comecei a discernir um propósito maior para a minha vida e a conseguir tudo o que queria, porque se tornava mais fácil. A magia divina acontecia conforme o Sagrado se manifestava na minha vida. Aprendi a «fazer magia», a alterar a minha consciência, a estabelecer intenções, a invocar a Deusa e o Deus, a suscitar e a receber energia, a lançar encantamentos

e a oferecer graças e a rejubilar nas bênçãos concedidas e na magia que se manifestava. Era como a Lei da Atração com esteroides.

Ao mesmo tempo, comecei a praticar xamanismo fundamental com o agora famoso Grupo de Brooklyn. Desenvolvido pelo Dr. Michael Harner, o trabalho centrava-se nas práticas essenciais da mais antiga tradição espiritual do mundo, partilhada pela maioria das culturas indígenas ao longo da história e por todo o globo. O mundo expandiu-se ainda mais pelos domínios do Espírito e fui acompanhada por aliados espirituais e animais de poder. Aquilo que aprendia «ali» tinha um valor profundo para mim «aqui» e reconheci as raízes xamânicas da moderna wicca, o que transformou a forma e a razão por que a praticava.

Fui iniciada — a história que conto na minha primeira memória, *Book of Shadows* — e tornei-me uma alta sacerdotisa wiccan. Fui a primeira sacerdotisa a entretecer a wicca e o xamanismo fundamental como uma tecnologia sagrada integral e, passados 20 anos, o meu ensinamento foi formalizado como a Tradição de Ara, a palavra latina para «altar», o ponto no centro da Criação onde o Espírito e a Terra são Um.

Recusei-me a ser constrangida por estereótipos negativos — como wiccan, feiticeira ou mulher — e fui uma das primeiras sacerdotisas wiccan americanas a «sair do armário» (das vassouras). Defendi ou aconselhei casos inovadores para o estabelecimento dos direitos legais dos wiccans e manifestei-me em campanhas mediáticas globais contra os estereótipos negativos.

Não digo que fosse fácil. Perdi alguns clientes e amigos, enfrentei traições e desgostos e fiz o meu luto por não

poder ter filhos. Conheci a dúvida e a falta de confiança e lutei contra a depressão e o desespero quando senti o sofrimento dos outros e da Mãe Natureza como se fosse o meu. Acabei por compreender que somos moldados pelas bênçãos e *também* pelos desafios. A verdadeira magia acontece quando transformamos as nossas feridas em bem-estar, as perdas numa nova vida, a escuridão em iluminação. Aquilo que ganhei ultrapassou em muito tudo o que perdi ou sacrifiquei.

Criei uma prática bem-sucedida como advogada, escrevi livros que foram bestsellers internacionais e que tornaram a wicca acessível ao mundo e ajudei milhares a descobrirem a magia divina do mundo em que vivem e que vive dentro deles. Nos EUA, a *Jane Magazine* honrou-me como «Uma das 10 Mulheres Mais Corajosas do Ano». Fui duas vezes eleita vice-presidente wiccan do Parlamento das Religiões do Mundo e criei a sua histórica Inaugural Women's Assembly de 2015. Recebi outros reconhecimentos de inovação espiritual e cultural, mas a minha maior honra foi ter sido nomeada para o Martin Luther King Jr. Collegium of Clergy and Scholars.

E então, no apogeu do meu rebelde e impossível sucesso, libertei-me de tudo. Fui para o meio da natureza, deixando para trás tudo o que conseguira e que pensava que sabia. Fui em busca do Mistério. Este encontrou-me, surgindo-me como o Homem Verde no centro de um labirinto em Itália e guiando-me numa busca por todo o globo e de regresso a casa. Aí, no meu pátio, foi-me mostrado que as leis da Natureza são leis espirituais, que cada vida individual trabalha para tornar toda a Vida melhor e que o amor é realmente a fonte da Criação. Despertei

novamente para a magia divina do mundo natural e para o interior de mim mesma.

A minha jornada foi única e profundamente mágica, mas sempre me impressionou que se eu, uma cética advogada nova-iorquina, podia ter experiências tão extraordinárias e despertar para a magia dentro de mim mesma, então qualquer pessoa poderia fazê-lo também. Este livro destila os princípios espirituais e as práticas da wicca — tal como a pratiquei e ensinei durante quase 40 anos — que espero poder abrir a vossa consciência, ligar-vos à divindade do mundo em que vivem e despertar a magia dentro de *si*.

Toda a gente recebe uma pancadinha no ombro, uma chamada do sagrado para que desperte. Se ao lerem isto vos parecer ser algo que sempre souberam, se vos parecer que isto pode ser o vosso chamamento, ou uma afirmação da chamada que já receberam, deixem que seja eu a primeira a dizer: *Bem-vindos à divina magia interior. Bem-vindos a casa!*

Como Trabalhar com Este Livro

O Guia Fácil de Wicca não é um manual wiccan típico. Não é um livro de receitas e fórmulas para encantamentos mecânicos e gratificação instantânea. *É um guia para despertar a magia divina dentro de ti.*

A chave para este livro exige a tua interação. Não podes apenas lê-lo — tens de executar as práticas para despertar a tua magia. Se a trabalhares, resulta, posso garanti-lo. As práticas são apresentadas numa ordem que cultivará as tuas capacidades, bem como os teus dons espirituais e eles apenas poderão ser usados por ti, ou com um grupo de estudo ou mesmo uma assembleia, trabalhando ao teu próprio ritmo.

O teu diário mágico

À medida que trabalhares com este livro, vais manter um diário mágico. Peço-te que escrevas nele as tuas experiências e encontros, reflexões e revelações, sonhos

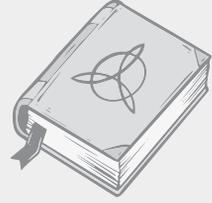
e viagens, intuições e sincronismos e os encantamentos e rituais que criares. E, claro, deverás sentir-te à vontade para escreveres nele sempre que te apetecer.

Manter um diário mágico será incrivelmente útil para recordares o que fizeste, experimentaste e sentiste; as intuições, as epifanias e as inspirações que tiveste e para veres as tuas aquisições, crescimentos e progresso. Mais importante, ajudar-te-á a ver os padrões e as lições, as divindades e os sinais do destino, a grande e sagrada história a emergir na tua vida.

O teu Livro das Sombras

Se a wicca te diz algo como uma prática espiritual que gostarias de prosseguir, começa o teu próprio Livro das Sombras. Incluí um simples guia para esse fim no Capítulo 12. Tal como manteres o teu diário, é um projeto incrivelmente mágico, criativo e capacitante.

Espero que este livro te abra um mundo de maravilhamento e magia divina. Portanto, vamos começar!



CAPÍTULO 1

Os Sábios



A wicca é uma via espiritual para mundos maravilhosos. É uma via para o teu mundo interior, onde a verdadeira magia começa; uma via para o Outro Mundo, onde vivem os espíritos; uma via que te faz regressar a casa transformado(a), capacitado(a) e capaz de ver o Sagrado no mundo.

A jornada abrirá a tua consciência e o teu coração, curar-te-á e reconduzir-te-á ao contexto divino em que vives. O vulgar torna-se extraordinário e o extraordinário torna-se possível porque a Criação é divina. É então que a magia desperta dentro de ti e se manifesta ao teu redor.

As raízes da wicca são ancestrais, mas o seu renascimento chega no momento perfeito e fala ao próprio coração das nossas modernas vidas e anseios, desafios e destino. A wicca é profundamente pessoal e, simultaneamente, universal. As práticas são simples e os resultados profundos.

Na wicca não há um livro sagrado, um profeta ou uma instituição que dite aquilo em que se deva acreditar ou praticar. Não existe uma definição única, nem Uma Verdadeira wicca. A wicca honra e encoraja as abordagens, as experiências e as conclusões individuais. Ao longo da nossa jornada, instigo a que confies na tua intuição, nos teus sentimentos, nas tuas experiências, à medida que fores encontrando a *tua* via — a via que resulte para ti.

A wicca é uma via de prática espiritual, responsabilidade e revelação pessoais. Mas não estás só. Embora cada

um de nós possui a sua única via, viajamos pela mesma paisagem sagrada e há sempre um professor, um guia, um espírito ao longo do caminho. No meio de uma extraordinária individualidade e diversidade, existem práticas e princípios espirituais essenciais que todos parecemos partilhar. Temos experiências semelhantes, celebramos os mesmos dias sagrados sazonais (Sabats) e ritmos lunares (Esbats) e, derradeiramente, atingimos intuições espantosamente semelhantes acerca da divindade, da Natureza e da natureza humana. Existe uma sabedoria sagrada essencial e é a isso que chamamos wicca.

Uma breve panorâmica da fascinante história da wicca

Para compreendermos realmente a wicca contemporânea, a sua sabedoria e as suas práticas, aquilo que irás fazer e a razão de o fazeres, é importante compreender de onde vem. Não têm sido poucos os esforços e as controvérsias acerca da compreensão das origens e da evolução da wicca. Todas as religiões têm mitos acerca das origens, mas, no caso da wicca, a realidade é mais fascinante do que o mito. Há razões para chamar à wicca o Ofício dos Sábios.

Raízes

Começamos pela palavra em si. A wicca chegou à Grã-Bretanha com os saxões em meados do século v, mas era já bastante mais antiga. As suas raízes remontam

a 5500 anos, à língua falada mais geralmente usada no mundo, o proto-indo-europeu, e à palavra *weid*. *Weid* quer dizer «ver» ou «saber» e é também a raiz do inglês antigo *wisean*, «tornar sábio ou conhecedor». Existem raízes que conduzem à adivinhação, ou à comunicação com a divindade. Originalmente, *wicca* era um termo masculino e *wicce* um termo feminino. Agora, usamos *wiccan* como um termo específico neutro e *wicca* para nos referirmos à espiritualidade.

Como é que *wicca* ficou ligada a *witch* (feiticeiro/a)? Simples: a pronúncia de *wicce* é *witch-a* e, no século XVI, a grafia em inglês moderno tornou-se *witch*. Mas a origem de ambas as palavras fornece um retrato muito diferente do estereótipo negativo do mal, da bruxa adoradora de Satanás e recorda-nos que existiram tradições indígenas em Inglaterra e, de facto, em toda a Europa e no Crescente Fértil (Médio Oriente), muito antes da chegada do cristianismo e do estereótipo negativo.

**Um(a) wiccan é um sábio que conhece
e vê o Sagrado. Até há uma centena de anos,
os wiccans eram os xamanes das aldeias.**

Wicca e xamanismo

A *wicca* está enraizada no xamanismo, a espiritualidade mais antiga da humanidade. Há quem lhe chame a Antiga Religião. Hoje, o xamanismo é ainda praticado em todo o mundo por cerca de 370 milhões de indígenas (primeiros, nativos ou aborígenes), apesar de séculos de brutal dominação colonial.

Não é normal pensarmos na Europa como tendo povos indígenas, porém, a maioria dos habitantes europeus são considerados indígenas; no entanto, a prática contemporânea de tradições ancestrais — como se constata entre o povo sami da Escandinávia setentrional e os bascos do norte de Espanha e sul de França — é rara. Os wiccans modernos e outros estão apenas agora a redescobrir, a reviver e a reconstruir as tradições dos seus antepassados indígenas.

E uma forma moderna do xamanismo fundamental, composta por práticas essenciais, comuns a muitas tradições xamânicas, mas sem acrescentos culturais específicos, é cada vez mais praticada pelos modernos descendentes de imigrantes da Europa, Rússia e África e de outros locais, que estão também a redescobrir as suas tradições ancestrais indígenas.

Em todo o mundo, os xamanes desempenham papéis semelhantes. É o(a) curandeiro(a) da aldeia, o(a) parteiro(a) dos bebés, das almas perdidas e das almas do além, conduz a cerimónia, a celebração e os ritos de passagem. É o(a) intérprete dos sonhos e dos sinais, que viaja entre mundos, que guarda e revela os Mistérios. Os xamanes viajam para trás e para a frente no tempo, entre os domínios do Espírito e de regresso a casa, trazendo a cura e a ajuda para si mesmos, para outros e para o mundo. As tradições sapienciais xamânicas estão profundamente ligadas à Terra, ao lugar onde as pessoas vivem, ao espírito do lugar — *genius loci* em latim — e, especialmente, ao espírito dos lugares selvagens, onde não vivem pessoas.

Tudo tem um espírito e os xamanes trabalham com os espíritos do Ar, do Fogo, da Água e, particularmente,

da Mãe Terra. Sabem que todos os seres estão relacionados, que os animais são professores, as plantas são curandeiras e ajudantes e que existem espíritos guardiões, animais de poder, ajudantes espirituais, ancestrais e aliados que nos assistirão.

**Se existe uma sabedoria central
no âmago do xamanismo e da wicca
é a de que toda a vida é sagrada.
Existe uma realidade comum, sem separação
entre o Espírito e a Natureza, a divindade
e a humanidade, a humanidade e a Natureza.
Tudo está ligado, tudo é Um.**

Os xamanes são mestres em equilibrar, harmonizar e unir o interior e o exterior, o visível e o invisível, o Espírito e o mundo. Por todo o globo, os xamanes usam técnicas semelhantes para se abrirem ao Sagrado e viverem em harmonia com a Natureza. Deslocam e abrem a sua consciência com práticas extáticas como a percussão dos tambores, os cânticos, as danças, as viagens, as orações, a busca de visões, a comunhão com plantas sagradas, o trabalho com energias e elementos naturais, o ritual e a cerimónia.

Há muitos anos, quando comecei a praticar, pela primeira vez, simultaneamente a wicca e o xamanismo fundamental, as práticas de êxtase que mudavam a minha percepção e permitiam que me deslocasse para o Outro Mundo (a realidade não-habitual) eram extraordinariamente importantes e poderosas. Mudaram a minha compreensão da natureza da realidade, confirmaram as experiências que tinha tido e restauraram as capacidades

espirituais que eu não sabia possuir. Uma nova dimensão, um mundo de Espírito, abriu-se para mim. Mudou a minha vida.

Enquanto frequentava simultaneamente o meu círculo semanal wiccan e o meu círculo semanal xamânico, reconhecia as semelhanças: trabalhar em círculo, honrar as direções e trabalhar com os elementos, honrar a Mãe Terra, o Pai Sol e a Lua, as mudanças sazonais e os ritmos lunares — práticas que me abriram a consciência — e práticas extáticas como dançar e cantar, bem como a oferenda de graças e muito mais.

Ao longo dos anos, fui-me apercebendo de que os xamanes são também visionários do Sagrado *no* mundo em que vivemos e, em especial, no mundo natural. Neste momento precário em que o futuro está em risco devido à nossa cegueira em relação à divindade inata da Criação, esta poderá ser uma das maiores dádivas do xamanismo e da wicca. Apesar de a continuidade ter sido quebrada, especialmente na Europa, e de muitas tradições e muita sabedoria se terem perdido, as fontes essenciais dessa sabedoria mantêm-se. Temos a mesma grande professora espiritual, a nossa Mãe Terra, as mesmas práticas xamânicas essenciais (o xamanismo fundamental), os espíritos ajudantes e a mesma capacidade inata para experimentar o Sagrado.

Nem todos nos tornamos xamanes, mas todos podemos praticar o xamanismo. Nem todos se tornam sacerdotisas ou sacerdotes, mas todos podem praticar a wicca. No entanto, durante centenas de anos, praticar wicca, praticar Feitiçaria, ou mesmo a mera acusação de se ser *wicce* podia significar a morte.

Rutura

Tragicamente, aquilo que nós (colonizadores ocidentais) fizemos aos outros povos indígenas fizemo-lo primeiro a nós mesmos. A chegada do cristianismo a toda a Europa ocorreu gradual e, muitas vezes, violentamente, assimilando e apagando as tradições indígenas existentes.

A Caça às Bruxas, ou Tempo das Fogueiras, começou em finais do século XIV e terminou 500 anos depois, no início do século XIX. Em 1484, o Papa Inocêncio VII publicou um édito papal autorizando o uso da tortura para obter confissões de Feitiçaria (que tinha ainda de ser abjurada). Dois anos depois, dois monges alemães publicaram um manual chamado *Malleus Maleficarum*, uma tirada anti-mulheres sobre como cumprir as ordens do Papa e, em 1542, o Papa Paulo III estabeleceu o Santo Ofício da Inquisição (que se mantém também até hoje).

Na sua maioria mulheres, mas também crianças e homens foram acusados de praticar Feitiçaria, de se consorciar com o Diabo, de causar o súbito arrefecimento do clima e de lançar malignos encantamentos para prejudicar o gado, as colheitas e os humanos. Eram presos, torturados e assassinados por instituições religiosas e seculares. O terror espalhou-se para lá do Atlântico, onde 25 mulheres e homens foram executados como Feiticeiros na América do Norte colonial e as Inquisições espanholas e portuguesas lançaram o terror sobre os povos indígenas pelas Américas.

Chamaram à Caça às Bruxas o holocausto das mulheres. Uma mera acusação podia levar à morte e, durante este prolongado terror, as mulheres perderam todos os

direitos de controlo pessoal e de autonomia. Não lhes era permitido saber ler, quanto mais receberem educação. Não podiam herdar nem possuir bens e elas próprias eram consideradas propriedade do pai, do irmão ou do marido. Os seus papéis tradicionais como xamanes e curandeiras, parteiras e conselheiras, centrais para o bem-estar espiritual e físico das suas aldeias ou desapareceram, ou se tornaram ocultos ou se moldaram a formas mais socialmente aceitáveis, tal como aconteceu com os seus homólogos masculinos e as suas tradições.

Alguns académicos defenderam que a Caça às Bruxas foi uma perseguição às feiticeiras praticantes, mas outros, como Carlo Ginzburg, argumentam que as transcrições dos julgamentos, juntamente com outras evidências, confirmam a existência e a supressão de tradições xamânicas indígenas praticadas por *benandanti* e *streghe*, *wicca*, *noiadi*, *gonagas*, *volur*, *seidkonur*, *tietaja* e outras por toda a Europa.

Sobreviveram vestígios de práticas xamânicas europeias, transformando-se em tradições populares, conhecimentos ervanários e mesmo calendários eclesiásticos e figuras santificadas, com bocados de magia discretamente praticados hoje por mulheres que vão à igreja ao domingo, ou por homens que dançam nas festas aldeãs do Dia de Maio.

Mas perduram dolorosas reverberações desta perseguição para mulheres e homens, para a Terra e o Espírito, com persistentes falsas caracterizações da wicca e das feiticeiras, e continuados constrangimentos à liberdade, ao poder e aos papéis espirituais das mulheres e com um impacto devastador sobre a Terra e as nossas almas.

Hoje, a violência prossegue com a tortura e o assassinato de acusadas de feitiçaria em antigas colônias de África, na Índia, no Nepal e noutros lugares.

Apesar desta história brutal, a wicca ressurgiu e há uma aura de magia no seu regresso.

Renascimento

No início da década de 1930, um notável grupo de iconoclastas ingleses foi à procura da religião dos seus antepassados. Porquê nessa altura? Talvez fosse uma reação a 100 anos de Revolução Industrial, com o seu prejuízo para a terra e as pessoas, e aos efeitos punitivos da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão.

Talvez a inspiração tenha surgido também a partir da contracultura dos Românticos, dos Espiritualistas, dos Sufragistas, dos Teosóficos e do movimento esotérico e mágico, que a Ordem Hermética da Aurora Dourada — uma sociedade metafísica fundada no final do século XIX e princípio do século XX, com membros tão prestigiados como Lady Gregory e o poeta W. B. Yeats — tornara famoso, todos eles procurando um género diferente de divindade que incluísse o Princípio Feminino. Ou talvez fosse a Mãe Terra a chamar os filhos para casa.

Estas intrépidas almas viviam entre maciços círculos de pedra, outeiros colossais e gigantes de calcário esculpidos nas encostas, histórias de fadas e mitos de Avalon, do Cavaleiro Verde e Sir Gawain, danças sazonais protagonizadas por veados chifrudos e os rostos dos Homens Verdes esculpidos nas igrejas, Deusas chamadas Bride, Brigid e Brigantia, de onde alguns dizem que veio o nome

Bretanha, e Deuses das florestas como Cernuno e Herne. Havia festas sazonais recordadas nas tradições populares locais e preservadas no interior do calendário cristão, tal como os Deuses e as Deusas tenuemente disfarçados de santos. Era tudo um âmbar onde residia a prova de uma vida mais antiga.

Houve também a teoria revolucionária de uma brilhante egiptóloga e sufragista, a Dr.^a Margaret Murray, a «avó da wicca». O livro de Murray, *The Witch-Cult in Western Europe*, publicado pela Oxford University Press em 1921, defendia que a feitiçaria fora uma religião pan-europeia, com crenças, ritual e organização tão superiormente desenvolvidos como quaisquer outros. Embora largamente desacreditada anos depois, Murray encontrara sinais de algo sagrado em Inglaterra e na Europa antes do cristianismo.

Qualquer que seja a inspiração, é difícil recuperar uma religião a partir de vestígios desgarrados e de uma má reputação. No entanto, três assembleias, ou grupos, surgiram em Inglaterra: na New Forest, no Hampshire, em Norfolk e no Cheshire. As assembleias eram discretas e ocultas, mas, em 1951, a Lei da Feitiçaria de 1735 foi anulada e a Feitiçaria explodiu na consciência pública na pessoa de Gerald Gardner, um funcionário público britânico, reformado, que dizia ter sido iniciado pela assembleia de New Forest.

Gardner escreveu vários dos primeiros livros sobre Feitiçaria como praticante e falou publicamente à imprensa — o que não era uma façanha menor, dados os estereótipos que se conservavam. E trabalhava com algumas das mulheres mais importantes na wicca, como

Doreen Valiente, a alta sacerdotisa da assembleia. Valiente escreveu a famosa invocação da Deusa, *The Charge of the Goddess*, e ela e Gardner expuseram os ritos e as práticas que formaram o fundamento da tradição gardneriana.

Gardner afirmava que praticava a religião que Murray descrevera, chamando-lhe wicca, e a sua teoria tornou-se o «mito da origem» da wicca geralmente aceite. Anos depois, após um cuidadoso escrutínio, os historiadores e os praticantes concluíram que a tradição gardneriana não constituía uma tradição contínua, hereditária e pan-europeia que correspondesse à teoria de Murray.

Gardner e Valiente tinham entretecido uma criativa e eficaz carpete mágica a partir da teoria de Murray, de elementos sobreviventes de tradições indígenas europeias — incluindo influências, práticas tradicionais e populares anglo-saxónicas e celtas — erudição clássica e Mistério Ocidental, escolas herméticas e esotéricas, Franco-Maçonaria e mesmo aspetos da sabedoria oriental.

Hoje, muitos continuam a subscrever a teoria de Murray como uma verdade literal, mas outros wiccans apreciam o seu reconhecimento das verdades arquetípicas que continuam a ecoar — uma Deusa Grande Mãe, um Deus Cornudo da floresta e do campo, uma pequena comunidade organizada em grupos (assembleias), com sacerdotisas e sacerdotes formados, o uso de práticas extáticas, a celebração de dias sagrados sazonais e ritos lunares, ritos de iniciação e a conservação de um livro da sabedoria, chamado o Livro das Sombras.

Quer se tratasse de tradições sobreviventes, ocultas e hereditárias, ou de um novo movimento religioso

inspirado, Gardner ofereceu ao mundo técnicas espirituais e intuições que as pessoas valorizavam e das quais precisavam — com destaque para a divindade feminina, a liderança espiritual para as mulheres, as práticas espirituais fornecendo experiências pessoais de uma divindade imanente, reverência pela Terra e a sincronização com a sabedoria da natureza. E magia real e divina.

A wicca ganhou raízes e começou a crescer para lá das Ilhas Britânicas com a redescoberta de outras tradições esquecidas de origem europeia e panteões de divindades de fés que existiam antes das religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islão), em especial Deusas, que foram integradas na prática e na cosmologia wiccan. As mulheres descobriram um lar espiritual que as honrava como líderes espirituais; a imprensa e a Internet ligaram as pessoas e forneceram apoio, comunidade e acesso a informação outrora escondida; os líderes que não tinham receio da perseguição vieram a público para desafiar os estereótipos; e o movimento cresceu e gerou um renascimento mais vasto das tradições indígenas da Europa e «pagãs» modernas.

Hoje em dia existem muitas variações e diversas linhagens e tradições na wicca, cada uma com a sua própria estrutura organizacional. Muitas delas agregaram-se como organizações religiosas, igrejas ou templos e, embora o direito e os académicos reconheçam a wicca como uma religião, muitos praticantes preferem o termo espiritualidade. Nos inquéritos formais, o número de aderentes à wicca varia de algumas centenas de milhares até aos milhões, em termos globais. Os wiccans são advogados, médicos, estrelas de *rock*, camionistas, treinadores de cães

e sacerdotes unitaristas e haverá a mesma probabilidade de um deles ser o teu vizinho da porta ao lado ou o teu dentista. Os wiccans estão, literalmente, por toda a parte. A legitimidade da wicca não precisa de ser derivada do seu passado, mas sim das profundas e transformadoras experiências, intuições e valores espirituais que oferece aos seus praticantes todos os dias. Neste sentido, a wicca é um novo movimento religioso e o seu (re)nascimento é um dos mais raros e significativos acontecimentos da história humana.

Porque é que tantas pessoas acreditam nela?

A wicca não é um sistema de crenças

Uma das primeiras coisas que adorei na wicca foi que não me era pedido que acreditasse fosse no que fosse. Não me foi pedido que aceitasse a palavra de ninguém acerca de quem era Deus, ou deixava de ser, ou sobre o que Deus queria que eu fizesse ou deixasse de fazer, nem sequer que *há* um Deus. Também não me foi pedido que acreditasse numa Deusa. Honestamente, teria fugido porta fora se alguém me tivesse dito «tens de acreditar».

As sacerdotisas limitavam-se a exercer. Não explicavam o que estavam a fazer, nem porque é que o faziam. Era-me estranho e, francamente, deixava-me pouco à vontade. Contudo, a parte de mim que reagia à beleza e à poesia, à música e ao movimento, que era curiosa e aberta à alegria, que era feminista, que acreditava nos meus instintos e no meu coração, a parte de mim que

fora chamada, todas essas partes de mim indomadas e sábias, experimentaram algo que eu nunca sentira antes: a extraordinária e divina energia gerada quando as mulheres (e os homens) se juntavam num círculo e honravam o Divino, não apenas como masculino, mas como *feminino*. Continuei a ir e esse sentimento continuou a crescer.

Sentia-o quando traçava círculos sozinha no meu minúsculo apartamento em Manhattan, dançava sob uma lua cheia, ou meditava acerca das novas formas que aprendera em círculo. Sentia as minhas energias — o meu foco mental, as minhas emoções, mesmo o meu corpo — a mudar com a mudança da Lua e do ciclo das estações. Quando o meu ciclo menstrual adquiriu o ritmo da Lua e das outras mulheres do meu círculo, passei a experimentar os meus períodos não como uma inconveniência confusa e desconfortável, mas como parte do meu poder gerador de vida, e reparei naquilo que sempre ignorara — uma sensibilidade psíquica ampliada, que aprendi a honrar e a cultivar.

Comecei a compreender o sentido das palavras e dos gestos, os nomes e as dádivas das Deusas e dos Deuses de todo o mundo, a sabedoria que me esperava dentro do mundo natural em meu redor e no meu interior. Conseguia *sentir* a vida, a alegria e o amor a pairarem à minha volta e através de mim. Sentia o meu espírito a tornar-se vivo e reconhecia o Espírito que vivia no mundo à minha volta. Era mágico. E absolutamente natural. Afinal de contas, os wiccans não acreditam em Deus ou na Deusa mais do que tu acreditas no ar ou numa árvore, ou no cão ou no gato deitados ao pé de ti.

«PRATICAR A WICCA AJUDOU-ME A RETIRAR A VENDA DOS OLHOS QUE NEM SEQUER TINHA CONSCIÊNCIA DE ESTAR A USAR.»



Este não é um típico manual de wicca. Não é um livro de receitas e fórmulas, de caminhos certos e garantidos, com a oferta de encantamentos mecânicos e consequente gratificação instantânea. É muito mais do que isso: este é um guia para despertar a magia divina dentro de ti.

Prática ancestral, a wicca tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos, atraindo seguidores e oferecendo a sabedoria espiritual e a plenitude que há milénios faltam em todo o mundo, ao mesmo tempo que saúda o regresso da Deusa, brinda a ascensão do feminino e honra as mulheres enquanto líderes espirituais.

Se a vida é complicada, a tua espiritualidade não tem de o ser. Nesta obra ficarás a conhecer o poder do feminino que guardas em ti, além de teres contacto com as práticas necessárias para o despertar. Conhece os Sábios, a Divindade, a Natureza, a Deusa, a Roda do Ano e a Aventura que Te Espera neste guia único, simples e direto para esta prática espiritual que, por ser profundamente pessoal, qualquer um pode dominar.



INCLUI MAIS DE 40 PRÁTICAS!

 <p>FAROL a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-376-9</p>  <p>9 789895 643769</p> <p>Esoterismo</p>
---	--